

## DANÇANDO COM A FORMAÇÃO EM ENCONTROS COM PROFESSORAS/ES-FORMADORAS/ES

Marcia Regina Gobatto<sup>1</sup>  
Daniela Franco Carvalho<sup>2</sup>

**Resumo:** A intencionalidade principal da pesquisa se deu no desejo de cartografar nossos movimentos formativos enquanto doze professoras/es-formadoras/es do/com o Centro de Formação e Atualização dos profissionais da Educação Básica do estado de Mato Grosso (Cefapro/MT), movimentos estes que transbordam para tempos e espaços que vão além e aquém de seu território. Uma cartografia que buscou adentrar na movimentação molecular que tece o cotidiano, através de encontros. Encontros provocados pelo ritornelo, na intenção do desencadeamento da formação-ritornelo ou da dança-da-formação. Encontros que são composições de vida, um dever outro de nós mesmas/os, na tentativa de experimentar responder nossos questionamentos e angústias. Cartografia do acontecimento, do experimentar caminhos outros necessários para mover o pensamento e desencadear uma possível transformação da compreensão que temos hoje da palavra formação. Um movimento do caminhar com a formação, (re)inventando-a. Improvisação formativa.

**Palavras-chave:** Cartografia; formação; ritornelo.

**Abstract:** The aim of this research is to plot the formative movements of twelve teacher educators at the Centro de Formação e Atualização dos profissionais da Educação Básica (Training and Updating Centre for Basic Education Teachers) from the state of Mato Grosso (Cefapro/MT). These movements overflow time and space from this side and from that of its territory. This cartography sought, through meetings, to enter the molecular movements that intertwine the everyday life. The meetings were caused by a ritornello, with a view to unleash the ritornello-training-process or the training-process-dance. These meetings are the work of life. They are a series of transformations of ourselves in an attempt to try to answer our inquiries and relieve our anxiety. They are the cartography of the happening, of the other necessary roads experienced to change thoughts and to unleash a possible transformation of the understanding we have nowadays about the words 'training process'. A movement to walk along with the teacher training process, re-inventing it. Formative improvisation.

**Keywords:** Cartography; training process; ritornello.

### (Com)posições iniciais

Há toda uma geografia nas pessoas. Somos composição de mapas móveis com linhas duras, linhas flexíveis, linhas de fuga,... Linhas que se movimentam e se (inter)conectam e se transformam continuamente. Somos um composto de linhas. Linhas de segmentaridade dura são compostas pelas instituições como a família, a escola e o trabalho, estas são como pacotes que determinam certas atitudes e comportamentos. Porém, ao mesmo tempo, em que atuam as linhas duras, coexistem com estas outras linhas, mais flexíveis, com atuações moleculares.

Com as linhas de segmentaridade duras e flexíveis, coexiste ainda outra espécie de linha, a qual nos leva através do segmento, mas também nos conduz a lugares desconhecidos e não previsíveis, ou que ainda não existem. Lugares que precisam ser inventados. São as linhas de

---

<sup>1</sup> Centro de Formação e Atualização dos profissionais da Educação Básica do estado de Mato Grosso (Cefapro/MT). Doutora em Educação. *E-mail:* [marciagobatto@hotmail.com](mailto:marciagobatto@hotmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutora em Educação. *E-mail:* [danielafcj@gmail.com](mailto:danielafcj@gmail.com).

fuga. As três espécies de linhas são imanentes e emaranhadas umas nas outras, nos dizem Gilles Deleuze e Claire Parnet em seus *Diálogos*, entretanto podem existir pessoas que vivam em duas linhas ou apenas em uma, apesar de sua imanência.

Uma profissão é um segmento duro, mas o que é que se passa lá embaixo, que conexões, que atrações e repulsões que não coincidem com os segmentos, que loucuras secretas e, no entanto, em relação com as potências públicas: por exemplo, ser professor, ou então juiz, advogado, contador, faxineira? (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 146).

Buscamos assim, em encontros formativos com professoras/es-formadoras/es com o Centro de Formação e Atualização dos profissionais da Educação Básica do estado de Mato Grosso (Cefapro/MT), descobrir quais são as linhas que nos atravessam, na intenção de cartografá-las<sup>3</sup>. Para tal partimos em busca da formação como forças vivas atuantes nos encontros.

### Os encontros

Encontro é ferida é brecha, é fissura. Linha de errância. Aquilo que nos corrói, que nos convoca a sensações. Portal de passagem para outros mundos possíveis. Fuga. Encontrar-se é resistir, (re)existir, decidir, (des)cindir, parar, (re)parar, (des)parar. Afectar<sup>4</sup> e ser afectada/o.

O encontro é uma ferida. Uma ferida que, de uma maneira tão delicada quanto brutal, alarga o possível e o pensável, sinalizando outros mundos e outros modos para se viver juntos, ao mesmo tempo em que subtrai passado e futuro com a emergência disruptiva (FIADEIRO; EUGÉNIO, 2013, p. 01).

Que formação é essa que atravessa nosso cotidiano e provoca sensações com potências tão diversas? Porque escolhemos este caminho e não outros? O encontro vivenciado como acontecimento nos permitirá transbordar, ultrapassar a compreensão ou o conceito que temos da palavra formação?

A (com)posição(com) os encontros com as/os professoras/es-formadoras/es foi uma tentativa de sair das hierarquizações e das classificações presas na formação. Encontros tomados como acontecimentos que se colocam aqui como um falar com nossos movimentos formativos. Um fazer com nossos movimentos formativos. Fomos à busca da descoberta de como este acontecimento age no campo das sensações, dos afectos. Fomos à busca da formação como movimento de criação, da potência afirmativa da formação singular, que é também potência de preenchimento, potência de desejo.

Com as potências convocadas queríamos saber se havia a possibilidade de construir outros caminhos, que não aqueles das representações e dos modelos formatados que tanto nos angustiam. Como seria o mapa dessa formação? Que formação seria essa? Também tínhamos

---

<sup>3</sup> Mapas móveis ou cartografias são desenhos das paisagens e suas transformações, acompanhando-as. "A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afectos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos" (ROLNIK, 2014, p. 23).

<sup>4</sup> "Afecto em Deleuze, ao contrário do afeto, é uma potência totalmente afirmativa. O afecto não faz referência ao trauma ou a uma experiência originária de perda, segundo a interpretação psicanalítica. O afecto, ao qual nada falta, exprime uma potência de vida, de afirmação, o que aproxima Deleuze de Spinoza: na origem de toda existência, há uma afirmação da potência de ser. Afecto é experimentação e não objeto de interpretação. Neste sentido, afecto não é a mesma coisa que afeto: o afecto é não-pessoal" (LINS, 2005, p. 1254).

ciência de que, mesmo desejando uma formação sem amarras, livre, nômade, sem ordenações, hierarquias ou condicionantes, era/é impossível uma ruptura total com a produção da subjetividade, pois estamos inseridas/os em uma sociedade composta por ideais universalistas, com poderes e saberes dominantes. Um lugar de difícil liberdade criativa.

Entretanto somos sabedoras/es de que as linhas de fuga existem e persistem. Estas podem se constituir em processos de singularização, os quais escapam aos discursos imperativos e formam moléculas capazes de criar novas danças-da-formação, sem os enquadramentos subjetivos do poder. Danças que promovem revoluções moleculares, que resistem ao movimento de serialização das subjetividades formativas individuais e coletivas.

Estávamos cientes também de que a formação singular nasce de processos complexos e conflituosos, e de que a máquina da representação e da interpretação pode estar contida em nossas alianças e em nós mesmas/os, em um constante perigo de captura dos valores e sentidos, que se configuram como ideais dominantes e que se apropriam de nossa dança, tornando-a técnica e monótona. Fria e hierarquizada. Saímos em busca das linhas de fissura, que não coincidem com as linhas duras, mas sobre uma nova linha imperceptível, que vai quebrando nossas resistências e nos modificando. Porém também somos sabedoras/es de que essas só se rompem porque estão em um plano fixo, assim os fluxos que se movem, e se movem coletivamente para desencadear uma ruptura, também podem contribuir para manter a forma, pois o movimento pode também ser apenas uma reação de medo da mudança.

Identificação de fluxos, de intensidades. Linhas emaranhadas, que comportam as linhas duras, as flexíveis e as de fuga; as três linhas atuando juntas em um movimento contínuo de circularidade. Assim a construção da dança-da-formação com as/os professoras/es-formadoras/es com o Cefapro/MT se deu no sentido de promover uma geoanálise desses movimentos. Uma análise das linhas de composição, de latitudes e longitudes, movimentos-reposos e afectos.

Chama-se longitude de um corpo os conjuntos de partículas que lhe pertencem sob essa ou aquela relação, sendo tais conjuntos eles próprios partes uns dos outros segundo a composição da relação que define o agenciamento individuado desse corpo. [...] Chama-se latitude de um corpo os afectos de que ele é capaz segundo tal grau de potência, ou melhor, segundo os limites desse grau. A latitude é feita de partes intensivas sob uma capacidade, como a longitude, de partes extensivas sob uma relação (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 44).

Para tal nos utilizamos do conceito de ritornelo de Gilles Deleuze e Félix Guattari, que deveio formação-ritornelo. A formação-ritornelo ou a dança-da-formação é uma circularidade (territorialização-desterritorialização-reterritorialização), o constante movimento em busca do que se repete, mas que se repete ritmadamente produzindo a diferença, assim nunca é um retorno do mesmo, mas uma constante chegada do estrangeiro ou ao estrangeiro.

O ritornelo se define pela estrita coexistência ou contemporaneidade de três dinamismos implicados uns nos outros. Ele forma um sistema completo de desejo, uma lógica da existência (“lógica extrema e sem racionalidade”). Ele se expõe em duas tríades ligeiramente distintas. Primeira tríade: 1. Procurar alcançar o território, para conjurar o caos; 2. Traçar e habitar o território que filtre o caos; 3. Lançar-se fora do território ou se desterritorializar rumo a um cosmo que se distingue do caos. Segunda tríade: 1. Procurar um território; 2. Partir ou se desterritorializar; 3. Retornar ou se reterritorializar (ZOURABICHVILE, 2009, p. 95).

Um eterno voltar para casa (território conhecido), o que corresponde ao retorno da/o estrangeira/o, pois já não somos mais as/os mesmas/os (primeira tríade); ou retornamos a uma casa ainda por vir (segunda tríade). Esses movimentos não se dão separadamente, acontecem todos ao mesmo tempo.

Ora o caos é um imenso buraco negro, e nos esforçamos para fixar nele um ponto frágil como centro. Ora organizamos em torno do ponto uma “pose” (mais do que uma forma) calma e estável: o buraco negro deveio um em-casa. Ora enxergamos uma escapada nessa pose, para fora do buraco negro (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 123).

São os três aspectos atuando juntos que constroem o ritornelo. Sendo o primeiro movimento a construção dos territórios, os quais são formados por meios. Meios são nascidos do caos, mas contra o caos, pois são intensidades sempre na iminência da exaustão.

Um meio é um “bloco de espaço-tempo” à volta do centro frágil constituído pelo ritornelo, bloco de vibrações instável, prestes a submeter-se a um código, a uma regra (que o transforma em território), e em permanente passagem para outro meio (transcodificação ou transdução) (GIL, 2008, p. 127).

Blocos de espaço-tempo, onde as ações acontecem. Ações estas movimentadas e transformadas pelos ritmos, que produzem diferenças. O ritmo faz a conexão entre os meios, promove a transcodificação, ocorre no entre, entre-dois, entre-dois-meios. É aqui, no espaço intervalar, no vazio, que a diferença é produzida, pelo ritmo, que vai transformando, articulando e integrando elementos heterogêneos em um único pulsar.

Um território é formado por componentes de meios ritmados, ou seja, uma qualidade expressiva. Uma marca. Uma placa. A qualidade advém do meio e a expressão do ritmo. Essa marca qualitativa é a assinatura do território, de um domínio, que nada tem de pessoal, mas podem ser utilizadas pelas pessoas como estandarte, bandeira, placa que marca nosso domínio, nossa casa. Porém essa assinatura também está em movimento e vai devir estilo.

O estilo nasce das relações móveis entre as qualidades expressivas e as matérias de expressões. As relações que as qualidades expressivas estabelecem internamente, com seus impulsos, ou externamente, com as circunstâncias, geram uma autonomia de expressão, que devém estilo. Esta autonomia de expressão, esse autodesenvolvimento, é estilo, marcas que definem um território, um domínio, marcas que lutam com as forças que batem à sua porta e deslizam na esteira das linhas de fuga que cortam esse mesmo território. Pois os territórios já nascem com uma linha de errância, já em um movimento de desterritorialização, de abertura, mesmo que seja para reterritorializar mais tarde. As relações rítmicas são as responsáveis pelo interagenciamento, pois pelo vazio do entre, abre canais com as forças cósmicas, o que provoca a desterritorialização.

Assim entendemos nossos movimentos formativos com as/os professoras/es-formadoras/es com o Cefapro/MT, ou a formação propriamente dita, como um bloco de forças vivas, que podem ser capturadas e transformadas em uma forma móvel, em um plano de consistência. É o ritornelo que cria o plano, pois ao escapar de forças territorializadas improvisa-se. Improvisação é criação. Já que a luta dessas forças vivas constituem componentes de passagem e são necessárias ao movimento contínuo ou ao ritornelo.

Nos encontros improvisamos, criamos juntas/os com a ferramenta-jogo, com a ferramenta-música, com a ferramenta-performance, com a ferramenta-texto, com a ferramenta-poesia, pois a consistência não é impor uma forma a uma matéria, mas criar, elaborar uma matéria cada vez mais rica, mais consistente capaz de captar forças cada vez mais intensas. A

consistência se torna mais densa quanto mais os heterogêneos se mantêm juntos sendo heterogêneos, sem homogeneizar, consolidando blocos de espaço-tempo, de coexistência e de sucessão. Igualmente a formação-ritornelo ou a dança-da-formação, através de suas qualidades expressivas, devêm estilos. Todos os seus componentes heterogêneos juntos, coexistindo e se tornando mais consistentes, em ritornelo, reorganizando forças e funções.

O eterno retorno, trazendo o mundo das diferenças, uma potência de afirmar. Porém sabemos também dos perigos que compõe tal movimento, já que o mesmo pode parar e/ou seguir linhas de morte. É uma luta constante de forças vivas que exigem ousadia e consistência, ou seja, força para manter juntos elementos heterogêneos, pois a cada instante se recria o caos, se refaz os territórios e se liga a linhas de fuga, desterritorializando-se.

Aqui é o tornar-se a própria formação que está em jogo, tornar-se na, e ser a própria dança-da-formação, pois o ritornelo também depende das forças daquelas/es que o compõem, visto que a cada instante somos outras/os daquilo que fomos ou daquilo que estamos por vir. Estamos nas linhas de errância, nas metamorfoses, na criação das diferenças. Diferenças que nascem do movimento do eterno retorno, do ritornelo, nos meios e nos ritmos que devêm estilo, que se constitui como linha de experimentação, onde o acaso dança. Dança com a formação. Dança com nossos movimentos formativos com o Cefapro/MT.

### **O que ficou?**

O acontecimento. Onde estão os múltiplos questionamentos que nos puseram em movimento cartográfico? E aqueles que nos impulsionaram durante o processo? Aqueles que possibilitaram a montagem e a desmontagem de mapas? Todos transbordados e transformados em multiplicidades. Questionamentos (de)compostos na circularidade do ritornelo. Nenhuma resposta. Nenhum caminho pronto, mas o desejo de continuar caminhando, de continuar se encontrando. Conscientes de que o plano de consistência pode gerar a formação não pessoal que nos atravessa, o que nos fará embarcar no eterno retorno, produzindo diferenças naquilo que se repete. Exercício de atenção. Práticas de atenção aos fluxos formativos, que ritmadamente nos levam para outros mundos possíveis.

As perguntas continuam intensas, fortes. A dança-da-formação continua viva. A ferida continua aberta. Estamos em plena experimentação do encontro agora. Não sem resistências e (re)existências. Não sem atritos. Burburinhos. Incertezas. Na tentativa de (com)pôr mapas. Ritornelo. Dança-da-formação com as/os professoras/es-formadoras/es, com a formação, com o Cefapro/MT.

Os encontros me deixaram sem chão, preciso me desconstruir para estar presente nos processos formativos novamente (Sirley). Os encontros, enquanto criação podem ser realizados em qualquer paisagem (Maria Auxiliadora). Eu vivi muito. Aprendi muito com nossos encontros. Nos conhecemos enquanto humanos (Luiza). Com nossos encontros vi um outro ângulo da formação (Beatriz). Temos embarcado em processos formativos muito frios, mecânicos. Em nossos encontros não (Rosi). Os encontros vieram nos ajudar a pensar de uma outra maneira. Vieram nos falar das fugas. Vieram nos falar que somos outros. Que crio personagens quando me encontro (Rosirene). Os encontros produziram diferenças (Hermógenes).

Com os encontros estamos mais atentas/os, cientes da existência da formação-ritornelo. Cientes da (im)possibilidade da dança-da-formação com o Cefapro/MT, mas há sempre um risco. Risco de sermos capturados pela formação-modelo. Risco de nossa potência de agir ser

minada. Risco da interpretação e da representação falarem mais alto, pois como nos ensinam Gilles Deleuze e Claire Parnet em seus Diálogos...

Não é fácil ser um homem livre: fugir da peste, organizar encontros, aumentar a potência de agir, afetar-se de alegria, multiplicar os afetos que exprimem ou envolvem um máximo de afirmação. Fazer do corpo uma potência que não se reduz ao organismo, fazer do pensamento uma potência que não se reduz à consciência (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 75).

O acontecimento da cartografia possibilitou-nos abrir conversa com nossos processos formativos dentro/fora do Cefapro/MT, explorando também nossa potência de agir. Os encontros ainda vivem em nós. Só precisamos embarcar neles. Experimentar com eles. Amor fati.

Encontros em jogos, em música, em poesia, em dança, em escrita. Dança-da- formação. Na busca de expressar as sensações convocadas, afecções provocadas para os encontros, com os encontros. Encontros com a formação-ritornelo. O desafio é permanecer no movimento. No meio. No encontro. Permanecer no movimento-ritornelo. No ritmo do ritornelo. Na formação-ritornelo. Na dança-da- formação. Por isso experimentemos! Experimentemos nos encontrar e encontrar algo.

Nós encontramos a poesia...

*Entrar na Academia já entrei,  
mas ninguém me explica por que essa torneira aberta  
neste silêncio de noite parece poesia jorrando...*

Manoel de Barros

## Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 4. Tradução de Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

FIADEIRO, João; EUGÉNIO, Fernanda. *O encontro é uma ferida*. Lisboa: Ghost, 2013.

GIL, José. Ritornelo e imanência. In: LINS, Daniel; GIL, José (Org.). *Nietzsche/Deleuze: jogo e música*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza/CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2008.

LINS, Daniel. Manguê's school ou por uma pedagogia rizomática. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 26, n. 93, p. 1229-1256, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acessado em: 28/10/2016.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Sinergia: Ediouro, 2009. (Conexões, 24).